



Identidade e conflito em *Operação Shylock*, de Philip Roth Identity and Conflict in Philip Roth's *Operation Shylock*

Isadora Goldberg Sinay*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

isadora.sinay@usp.br

Resumo: Em *Operação Shylock*, 1993, Philip Roth, por intermédio de uma estrutura supostamente autobiográfica que engloba elementos extratextuais, como entrevistas e colunas de jornal, aborda, ficcionalmente, questões da contemporaneidade. Este artigo se propõe a analisar a forma escolhida e como ela é utilizada pelo autor para tratar dos conflitos e paradoxos dessa identidade.

Palavras-chave: Literatura judaica. Literatura norte-americana. Identidade.

Abstract: Philip Roth is a Jewish American writer whose fiction has always been about Jewish identity and the conflicts that it involves. In *Operation Shylock* he treats this subject through a supposedly autobiographical structure that incorporates elements that exist outside the text, such as newspaper's interviews and columns. The present article analyses the structure chosen and how it's used by the author to write about the conflicts and paradoxes of contemporary Jewish identity.

Keywords: Jewish Literature; North-American Literature; Identity

1 Roth e a crítica: disputa e incorporação

Philip Roth nasceu em 1933, em Newark, Nova Jersey. Na época, a cidade era habitada principalmente por imigrantes e o escritor conta de um bairro majoritariamente judeu, com alguns vizinhos italianos e irlandeses.¹ Roth nunca questionou sua nacionalidade norte-americana, mas até ir para a faculdade, a

* Mestre em Ciências da Religião, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo.

¹ PIERPONT, 2015.



América que ele conheceu era um mosaico de pessoas de diferentes origens e essa percepção marcou sua literatura de forma profunda.²

Enquanto escritor, foram nomes como George Orwell, Ernest Hemingway e John Dos Passos que o formaram. A literatura de língua inglesa e a cultura popular foram sua experiência mais marcante da cultura dominante americana. Ele lembra sua experiência como dupla, a origem ídiche dos avós e as velas na mesa de jantar de um lado e os jogos de *baseball* e matinês de cinema de outro.³

Timothy Parrish comenta que um padrão da literatura americana posterior a Segunda Guerra Mundial é que quanto mais étnica ela se apresenta, mais é percebida como americana.⁴ É a consequência de uma visão múltipla da sociedade, exatamente a experimentada por Roth quando criança. Ou seja, é enquanto judeu que ele experimenta sua existência americana e vice-versa. Embora esses dois lados não sejam de forma alguma excludentes, eles apresentam suas próprias contradições e desencontros, rupturas que se tornaram o principal objeto de Philip Roth como escritor.

Desde sua estreia, o autor vem investigando as contradições e ambiguidades da vida judaica nos Estados Unidos, um tema que não foi exatamente bem recebido pela comunidade judaica. Logo após o lançamento de *Adeus, Columbus*, em 1959, organizações como a Liga Antidifamação B'nai Brith o acusaram de promover uma imagem dos judeus que não faria nada além de alegrar os antissemitas. Roth defendeu-se, abordando o assunto em um ensaio que intitulou *Escrevendo sobre judeus* e em diversas entrevistas. No texto, ele reitera seu comprometimento com uma investigação profunda e verdadeira dos judeus contemporâneos, recusando-se a encarar qualquer assunto, ou personagem questionável, como tabu.

Se perguntar o que os outros irão pensar, ou mais especificamente o que os gentios irão pensar, não é, segundo Roth, o trabalho de um romancista, mas de um relações públicas e ele se recusa terminantemente a sê-lo.⁵

Contudo, essas críticas não foram ignoradas pelo escritor. Pelo contrário, elas começaram a ser incorporadas em sua ficção. Em 1979, Nathan Zuckerman fez sua primeira aparição em *O escritor fantasma*, um romance curto sobre um jovem

² PIERPONT, 2015, p. 38.

³ ROTH, 2013, p. 4.

⁴ PARRISH, 2007, p. 127.

⁵ ROTH, 2013.



escritor em busca de um mentor. Nos anos seguintes, Roth seguiria escrevendo sua “biografia” de forma a estabelecê-lo como um alter ego.

O paralelo entre escritor e personagem fica claro em *Zuckerman libertado*, romance em que o personagem se vê tendo que lidar com o escândalo causado por seu livro Carnovsky, uma história sobre as experimentações sexuais de um jovem judeu, semelhante em conteúdo e repercussão a *O complexo de Portnoy*. Roth incorpora seus críticos, ironizando-os e mostrando a discrepância entre o que eles acreditam saber sobre ele e sua vida de verdade. Dessa maneira, ele cria um jogo em que autor e crítica se alimentam mutuamente e os romances passam a existir também sempre em um espaço fora do texto.

Esse exercício metaliterário chega ao seu auge com *O avesso da vida*, de 1986. O livro traz como personagens Nathan Zuckerman e seu irmão Henry e cada capítulo apresenta uma narrativa que contradiz a anterior. Na parte final, o leitor descobre que todos os capítulos anteriores eram rascunhos escritos por Zuckerman e a “verdade” não está em nenhum deles.

Após esse *tour de force* da manipulação, Roth muda de direção radicalmente. Seu trabalho seguinte é *Os fatos*: a autobiografia de um romancista, em que promete contar a experiência como ela de fato ocorreu, livre das transformações da ficção.⁶ O livro é um relato de sua busca por independência, como escritor e como judeu, um relato ao mesmo de americanização e de busca de um eu individual.

Após *Os fatos* seguem-se quatro livros “autobiográficos”: *Engano*: um romance; *Patrimônio*: uma história real; *Operação Shylock*: uma confissão. No entanto, como os próprios subtítulos já indicam, a autobiografia para Roth não é um gênero simples.

Philippe Lejeune define o pacto autobiográfico como um “acordo” que se faz entre autor e escritor e que determina a leitura de um texto. Esse acordo se dá quando autor, narrador e personagem principal têm o mesmo nome e é corroborado na capa do romance, muitas vezes por intermédio de um subtítulo.⁷ Ou seja, embora em *Engano* autor, narrador e protagonista tenham o mesmo nome, o subtítulo “um romance” já indica ao leitor que o que ele tem em mãos é uma ficcionalização de material autobiográfico, mas não um relato comprometido com a realidade extratextual.

⁶ ROTH, 2013, p. 156.

⁷ LEJEUNE, 2008.



Diante da ficção, é preciso levar em conta que mesmo as autobiografias explicitamente declaradas sofrem distorções, causadas pela memória, pelo ego ou pela ética do escritor, entre outras razões. Roth não é inocente em relação a isso e em *Os fatos* ele se antecipa ao ceticismo do leitor trazendo ninguém menos que seu alter ego para as páginas. O prólogo é uma carta de Roth a Zuckerman, pedindo sua opinião sobre o manuscrito e se ele deveria ser publicado ou não; o epílogo é a resposta de Zuckerman, que pode ser resumida em “eu não sou um tolo e eu não acredito em você”.⁸

Zuckerman aponta que embora Roth afirme que essa é a narração sem artifícios de sua vida, o ato de seleção do que é relatado, as palavras usadas, tudo isso são artifícios. E que todos são retratados em uma luz tão favorável que se torna quase impossível acreditar que desse ambiente saiu o autor de livros como *O complexo de Portnoy* (posição 2077). Dessa forma, mesmo em sua autobiografia, teoricamente nascida de um impulso de autenticidade, Roth realiza seu jogo de múltiplas identidades e múltiplas versões.

De todos esses livros, aquele em que o escritor testa os limites do gênero de forma mais radical é *Operação Shylock*. O livro é subtulado como “uma confissão” e abre com um prefácio indicando que por razões legais uma série de detalhes do livro tiveram que ser alterados, mas essas mudanças não prejudicam em nada a verosimilhança da história. Além disso, Roth afirma:

Eu baseei *Operação Shylock* em diários. O livro é o relato mais exato que posso oferecer de ocorrências reais pelas quais passei quando tinha por volta de cinquenta anos e que culminaram, no início de 1988, com minha concordância em participar de uma operação de inteligência para o serviço de inteligência estrangeira israelense, o Mossad.

O comentário sobre o caso Demjanjuk reflete exata e honestamente o que eu estava pensando em janeiro de 1998 [...].⁹

Assim, o pacto autobiográfico é firmado pela coincidência de nome entre autor, narrador e protagonista, ratificado pelo subtítulo e ainda reforçado por esse

⁸ ROTH, 2013b, posição 2182.

⁹ ROTH, 2000, p. 13.



prefácio. Por mais improvável que seja a colaboração do autor com o Mossad, até aqui o leitor não tem qualquer motivo para duvidar de sua veracidade.

O livro aprofunda ainda mais esse pacto ao começar com um relato do colapso mental vivido por Philip Roth em 1998. O episódio é mencionado em *Os fatos* e foi relativamente divulgado em sua época. Todas as aparências são de um relato autobiográfico.

Um dos elementos chaves dos gêneros biográficos, segundo Lejeune, é serem referenciais, ou seja, estarem diretamente conectados a uma dimensão extratextual.¹⁰ Ao optar pela autobiografia, Roth conecta *Operação Shylock* a sua pessoa física e faz com que a narrativa exista para além do livro.

Contudo, conforme a narrativa vai caminhando, os fatos de *Operação Shylock* tornam-se tão absurdos que, dada a reputação do autor, o leitor se vê necessariamente duvidando de sua veracidade. Talvez um escritor mais confiável levasse menos leitores a se perguntar o quanto da narrativa é verdade, o quanto exagero e o quanto pura invenção, mas Roth, nesse ponto de sua carreira, já era conhecido como um grande manipulador, alguém para quem o jogo de identidades é um recurso literário favorito. Assim, mais uma vez o extratextual entra em jogo: trata-se de uma autobiografia de Philip Roth, o escritor, mas Philip Roth é dificilmente um narrador confiável e seu público sabe disso.

O jogo de duplos entre autor e personagem se complica ainda mais porque o motor do romance é exatamente a aparição de um duplo. Enquanto se preparava para uma viagem a Israel para entrevistar Aharon Appelfeld, Roth recebe um telefonema de seu primo Apter, dizendo que havia escutado uma entrevista sua para uma rádio israelense e indignado com a falta de contato. Philip lhe assegura que foi apenas um mal-entendido e ele só estará em Jerusalém na semana seguinte, sem dar qualquer atenção ao estranho acontecimento.¹¹

No entanto, alguns dias depois, Appelfeld telefona para contar que seu duplo agora havia saído na capa do *Jerusalem Post* professando uma ideologia supostamente revolucionária: o Diasporismo. Nas palavras de seu criador:

¹⁰ LEJEUNE, 2008, p. 35.

¹¹ ROTH, 2000, p. 17.



A assim chamada normalização do judeu foi uma ilusão trágica desde o início. Mas quando se espera que essa normalização floresça no coração do Islã, ela se torna mais do que trágica - é suicida. Por mais horrendo que Hitler tenha sido para nós, ele durou apenas doze anos e o que é doze anos para um judeu? É chegada a hora de retornar para a Europa, que foi durante séculos, e permanece sendo ainda hoje, o mais autêntico lar judaico que já existiu. O lugar de nascimento do judaísmo rabínico, do hassidismo, do secularismo judaico, do socialismo - etc, etc. O lugar de nascimento do sionismo também, é claro. Mas o sionismo já durou mais do que sua função histórica. É chegada a hora de renovar nosso papel espiritual e culturalmente proeminente na diáspora europeia.¹²

Ou seja: ao se instalarem no Oriente Médio, os judeus atraíram a raiva dos países vizinhos de tal forma que um segundo Holocausto se tornou iminente. A única saída para esse desastre é mandar de volta todos os judeus de origem europeia.

A ideia, obviamente absurda, é retratada por Roth como tal. Disfarçado como um jornalista francês, o escritor telefona para o seu duplo e o entrevista, uma tentativa de compreender a proposta maluca. Ele aponta, de forma sensata, que os países previstos para receber os judeus, como Polônia e Ucrânia, ainda são consideravelmente antissemitas. Ao que seu duplo responde:

Você sabe o que vai acontecer em Varsóvia, na estação de trem, quando o primeiro trem cheio de judeus retornar? Haverá multidões para recebê-los. As pessoas estarão exultantes. As pessoas estarão aos prantos. Elas gritarão: "Nossos judeus voltaram! Nossos judeus voltaram!"¹³

A sequência é concebida como cômica e delirante e o leitor é rapidamente conquistado pelo humor extravagante de Roth. Contudo, Timothy Parrish nota que parte da ideia diasporista é composta de posições que o Philip Roth da vida real já expressou.¹⁴

¹² ROTH, 2000, p. 32.

¹³ ROTH, 2000, p. 45.

¹⁴ PARRISH, 1999, p. 584.



A autenticidade da vida na diáspora e sua conexão direta com a Europa é um ponto que Roth defendeu muitas vezes, inclusive em *O avesso da vida*, seu romance anterior sobre Israel. Assim, o discurso diasporista é uma versão exagerada e deturpada de ideias razoáveis defendidas pelo escritor. Moishe Pipik, como o duplo eventualmente será nomeado, é uma versão amplificada de Roth, algo não totalmente diferente de Nathan Zuckerman.

O escritor percebe esse fundo de verdade e não dispensa seu duplo imediatamente, mas o incorpora. Ao encontrar George Ziad, um antigo colega de universidade, Roth não desfaz o mal-entendido, mas assume o discurso e o leva a extremos ainda mais absurdos. O jogo de espelhos se multiplica: temos, assim, na ficção, um Philip Roth fingindo ser o homem que finge ser Philip Roth.

Ele o faz porque precisa experimentar o discurso, assumir essa outra identidade para finalmente perceber que ela não lhe pertence, que essa não é sua fala. É em parte o que ele faz em *O avesso da vida*, vestindo Nathan em diferentes trajes até decidir que o que define seu personagem é ser um escritor.

Mas a imagem deturpada de si mesmo é importante por outro motivo: é isso que Roth sente ter sido feito por seus críticos. Assim como o diasporismo é uma versão absurda e exagerada dele mesmo, concebida em uma leitura errônea, também as acusações de que ele é um antisemita e um judeu que odeia a si mesmo são uma interpretação descabida de características como seu assimilacionismo e secularismo. O duplo apresenta uma versão deturpada de Roth e o único jeito de vencê-lo é apropriando-se dele, o mesmo recurso que ele utiliza com a crítica.

Primeiro, Philip se torna seu duplo e então o nomeia: Moishe Pipik, um nome retirado de sua própria mitologia familiar.¹⁵ Shostak diz que a nomeação “tem por objetivo desinflar o poder desse outro que o consome, tornando o duplo, a partir de um ato linguístico, realmente *outro* ao negar sua pretensão a uma identidade”.¹⁶

Há outra incorporação da crítica explícita no romance: o personagem de George Ziad, ou Zee. Um antigo colega de pós-graduação de Roth, ele é um palestino que passou boa parte da vida em exílio e retornou recentemente a Ramallah.

¹⁵ ROTH, 2000, p. 117.

¹⁶ SHOSTAK, 1997, p. 731.



Zee encurrala Roth no mercado de Jerusalém e o leva para conhecer o outro lado da história.

Quando *O avesso da vida* foi publicado, boa parte da crítica apontou que embora ele oferecesse diferentes vozes judias (o judeu americano; o israelense secular; o religioso nacionalista), não havia uma voz palestina. Andrew Furman admite que não existe uma cartilha de representação a ser seguida pelo escritor americano que decide tratar da questão do Oriente Médio, entretanto, a ausência de vozes árabes prejudica a profundidade do texto e sua força enquanto crítica social, algo que parece estar nos objetivos de Roth.¹⁷

Portanto, em *Operação Shylock*, Roth responde aos pedidos da crítica, mas, como sempre, o que ele oferece é mais complicado do que o esperado. Zee é, como Pipik, uma mistura de discurso alucinado e fundo de verdade. O personagem é paranoico e repetitivo, dramático e exagerado, mas sua denúncia e sua luta não são de forma alguma infundadas.

Boa parte da disputa entre Roth e seus críticos foi a respeito do tipo de judeu que ele deveria ser, sobre, nas palavras dele, “autodefinição e lealdade judaicas”,¹⁸ dois dos temas principais de *Operação Shylock*. Para falar de assuntos tão centrais em sua obra e na percepção dela, o autor alista a si mesmo como protagonista e estabelece uma relação extratextual entre o livro que o leitor tem em mãos, seus romances anteriores e o que a crítica vem falando deles até então, criando um jogo de múltiplas possibilidades de leitura.

2 Judaísmo e história

Em *Os fatos*, Roth diz: “para mim, ser judeu tinha a ver com um predicado histórico real dentro do qual se nasce, não com uma identidade que se poderia escolher depois de ter lido uma dúzia de livros”¹⁹. Ou seja, embora o judaísmo apareça em seus livros como uma fonte de possibilidades e a identidade seja algo passível de performance e construção, há uma dimensão inescapável, uma fixação na história que confere peso e realidade.

Em *Operação Shylock* essa história aparece de duas formas: na figura de Aharon Appelfeld e no julgamento de John Demjanjuk. Appelfeld nasceu em 1932, em Bucóvina, atual Romênia. Aos 8 anos foi deportado para um campo de

¹⁷ FURMAN, 1997, p. 142.

¹⁸ ROTH, 2013b, posição 1660.

¹⁹ ROTH, 2013b, posição 1619.



concentração de onde fugiu e passou três anos vagando pelas florestas da Ucrânia, até ser resgatado pelo exército russo e em seguida emigrar para Israel.²⁰ Em 1988, o *New York Times* encomendou a Philip Roth uma série de entrevistas que comporiam um perfil de Appelfeld, essas entrevistas foram publicadas no jornal e anos mais tarde na coletânea *Entre nós: um escritor e seus amigos* falam de trabalho. Portanto, em 1993, quando trechos dessa conversa foram incorporados a *Operação Shylock*, eles já haviam aparecido na forma de entrevista. Essa intersecção funciona como mais um indício de veracidade do relato, ao mesmo tempo em que estabelece mais um vínculo entre o livro e seu exterior.

Contudo, a realidade de Appelfeld serve a algo mais: oferecer um contraponto a realidade de Philip Roth. Frequentemente acusado de solipsismo e de não enxergar o judaísmo para além da mesa de sua família em Newark, aqui Roth admite possibilidades judaicas opostas, infinitamente próximas e distantes uma da outra. Ele diz:

Porque Aharon e eu, cada um de nós, incorpora o oposto da experiência do outro; porque cada um de nós reconhece no outro o homem judeu que ele não é; por causa das direções incompatíveis que moldaram nossas vidas tão diferentes e nossos livros tão diferentes e que resultam de biografias judaicas do século vinte que são antitéticas; porque nós somos os herdeiros, juntos, de um legado drasticamente bifurcado – por causa da soma de todas essas antinomias judaicas.²¹

É Appelfeld que ele reconhece como duplo, um duplo especular e não idêntico, um duplo fundado em uma história essencialmente dupla. Nem a tragédia da experiência europeia, nem a segurança americana, podem ser extirpadas da história judaica. Ambos os judeus, ele e Appelfeld, são possíveis mesmo que a diferença de suas infâncias pareça tão incrivelmente improvável.

Appelfeld é então o duplo de Roth e o oposto de Pipik, uma vez que o primeiro reafirma a história, enquanto o segundo pretende negá-la. Como Roth argumenta para seu duplo:

²⁰ ROTH, 2009, p. 27-48; p. 28.

²¹ ROTH, 2000, p. 201.



Mas Hitler de fato existiu [...] Esses doze anos não podem ser expurgados da história, não mais do que podem ser obliterados da memória, por mais misericordiosamente esquecido que alguém prefira ser. A destruição do judaísmo europeu não pode ser medida ou interpretada pela rapidez com que foi conquistada.²²

O Diasporismo como Pipik o propõe requer apagar a história e isso é algo que Philip Roth não pode permitir. Shostak argumenta que em nenhum romance de Roth o sentimento de se estar situado na história é tão forte quanto em *Operação Shylock* e isso se deve em grande parte as sequências do julgamento de Demjanjuk.²³

John Demjanjuk era um mecânico ucraniano radicado nos Estados Unidos que, em 1986, foi deportado para Israel sob a acusação de ser Ivan, o Terrível, um guarda particularmente sádico de Treblinka.²⁴ O cerne do julgamento não era que não houvesse existido um Ivan, o Terrível, ou que os crimes alegados não haviam sido cometidos, mas que Demjanjuk não era esse homem. Mais uma vez a asserção da identidade se torna central.

O julgamento não é apenas uma reencenação do evento mais significativo da história judaica recente, como diz Shostak,²⁵ mas uma marca de todo o percurso após esse evento. A corte judaica em um estado judeu, falada em hebraico. Quaisquer que sejam as ambiguidades que Roth sente em relação a Israel, o país existe e é agora o porta-voz e executor de uma justiça judaica. Essa é também uma história que Pipik não pode desfazer.

No entanto, essa ambiguidade em relação a Israel não é insignificante no livro. Roth habilmente opõe o julgamento de Demjanjuk ao de jovens palestinos que testemunhou em Ramallah no dia anterior. Essa nova duplicidade é, nas palavras de Furman, “a luta do escritor judeu-americano para esculpir uma perspectiva narrativa moralmente viável para o Oriente Médio”.²⁶ É nessa

²² ROTH, 2000, p. 43.

²³ SHOSTAK, 1997, p. 741.

²⁴ *Nazi war criminal John Demjanjuk dies aged 91*. The Telegraph, Londres, 17 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/germany/9150184/Nazi-war-criminal-John-Demjanjuk-dies-aged-91.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

²⁵ SHOSTAK, 1997, p. 741.

²⁶ FURMAN, 1997, p. 130.



oposição que, segundo o crítico, Roth revela a ambivalência do judeu americano em relação a Israel, sua questão de lealdade.

3 Representando judeus

A ambivalência de Roth em relação a Israel, tornada mais aguda após a excursão com Zee à Palestina, e a questão da lealdade judaica formam as reflexões da última parte do romance.

Em mais um dos movimentos improváveis da narrativa, Roth é açoitado em um lobby de hotel por Supposnik, um comerciante de livros antigos. Desde o início do mundo moderno, afirma o livreiro, o judeu tem estado em julgamento. Mesmo hoje, as constantes discussões sobre o Estado de Israel, na mídia e nas faculdades do mundo todo, são uma continuação desse julgamento que se inicia no julgamento de Shylock. O judeu, Supposnick afirma, entrou no imaginário ocidental com as palavras “trezentos ducados” e desde então os judeus reais têm vivido em sua sombra.²⁷

A questão do antissemitismo no cânone literário ocidental, especialmente o de língua inglesa, não é inédita. O clássico ensaio de Leslie Fiedler, *What Can We Do About Fagin?*, lista não apenas Shylock e o vilão de *Oliver Twist*, mas o antissemitismo encoberto de autores como T.S. Elliot, Ezra Pound e Graham Greene. Fiedler se pergunta qual a saída para o leitor judeu: deve ele abdicar desses luminares? Ele diz:

Há simplesmente muito a perder, valores que se tornaram para nós essenciais como o ar, experiências sem as quais nossas vidas pareceriam desesperadamente pálidas. Além disso, nós oferecemos reféns demais para o Ocidente; nos retirando, teríamos que deixar para trás os Montaignes e Spinozas, ou Prousts e Freuds, nossos Einsteins e Kafkas, nossos Blochs e Soutines.²⁸

Fiedler, como Roth, sabe que cultura judaica e o que ele chama de cultura Ocidental estão intrinsecamente ligadas. O fundo de verdade do Diasporismo é justamente que o judeu viveu séculos na Europa e marcou definitivamente sua cultura, além de ter sido marcado por ela. O que Fiedler propõe não é a separação, mas a presença, é preciso escrever contra os Shylocks e Fagins: “nós

²⁷ ROTH, 2000, p. 274.

²⁸ FIEDLER, 1949.



podemos começar a construir mitos rivais para nosso significado no mundo ocidental, outras imagens do judeu que retirem a força as antigas imagens de terror”.²⁹

Ruth Wisse afirma: “como cada língua é o repositório cultural de um povo distinto, a perspectiva literária de um escritor judeu em uma língua não-judaica é afetada pela atitude dessa língua em relação aos judeus”.³⁰ Ao falar sobre Kafka, ela nota que se por um lado havia uma ansiedade inescapável de se escrever em “língua inimiga”, por outro, o alemão era a língua mãe de Kafka e muito de seus contemporâneos e era dentro dela que eles se fizeram judeus.³¹

Essa ambiguidade é válida para Roth e outros escritores judeus de língua inglesa. A língua lhes pertence indiscutivelmente e nela se faz uma literatura judaica, mas é preciso lutar com a herança antissemita carregada em seu cânone.

Hana Wirth-Nesher lembra ainda que a entrada dos judeus na cultura americana, e mais tarde na elite dessa cultura, se deu pelas letras e por textos que muitas vezes tinham a aquisição da língua como temas centrais. Em aproximadamente 60 anos, os judeus americanos foram do ídiche ao prêmio Nobel de Saul Bellow e por mais extraordinário que seja esse feito, ele deixou fantasmas. A perda do ídiche e do hebraico tornou-se um tema para as gerações mais recentes tanto quanto a passagem para o inglês o foi para as primeiras. O escritor judeu-americano, ela diz, “negocia entre línguas que escapa, reprime, transgride, lamenta, resiste, nega, traduz, romantiza ou reifica”.³² Sobre Philip Roth especificamente, ela comenta: “sua situação linguística é uma prova suficiente de que a falta de conhecimento de uma língua não é indicativo de sua influência, já que pode ser mais difícil de abandonar o que não se pode compreender”.³³

A epígrafe de *Operação Shylock* é composta de três citações: *Gênesis*, Kierkegaard e letras hebraicas provavelmente incompreensíveis para os leitores de Roth, norte-americanos não judeus ou judeus assimilados, em sua maioria. As letras misteriosas reaparecem no fim do livro, quando Roth se encontra sequestrado e

²⁹ FIEDLER, 1949.

³⁰ WISSE, 2000, p. 66.

³¹ WISSE, 2000, p. 75.

³² WIRTH-NESHER, 2006, p. 3.

³³ WIRTH-NESHER, 2006, p. 4.



preso em uma sala de aula e as vê escritas na lousa. As letras que ele não pode compreender lhe parecem a chave para sua liberdade, negada porque ele não se deu ao trabalho de aprendê-las.³⁴ Ele é um mau judeu por não saber hebraico? O que ele pode fazer como escritor judeu na língua de Shylock?

Sua lealdade como judeu será colocada em questão quando o mistério de seu sequestro e das letras no quadro finalmente se releva: Smilesburger, um agente do Mossad, o levou até ali para fazer uma proposta. Essa proposta é que ele participe na *Operação Shylock*, um esforço para melhorar a imagem dos judeus. A frase no quadro quer dizer “não odiarás a teu irmão no teu coração”, uma citação do *Levítico*, que Smilesburger pretende ser um resumo do longo discurso que ele faz para convencer Roth.

Esse discurso se pergunta por que os judeus precisam falar tão mal de si mesmos? Por que tanta escrutinação de seu próprio povo, por que tanta acusação e auto-ódio?³⁵

O leitor familiarizado com a trajetória de Roth não pode deixar de notar a ironia dessa passagem. Smilesburger apaixonadamente recita todas as acusações feitas ao escritor no início de sua carreira e lhe pede que faça nada mais, nada menos, que relações públicas para judeus. No entanto, por trás dessa conversa está uma outra, a conversa que Roth tem com seu duplo algumas páginas antes.

Pipik conta sua trajetória de judeu-americano e o como a duplicidade de sua identidade, a ambiguidade dela, o assombrava, especialmente na forma do caso Jonathan Pollard. Pollard foi um funcionário da CIA condenado por ser agente duplo: ele havia passado informações ao serviço secreto israelense.³⁶ O caso angustia Pipik porque lhe coloca a questão: se precisasse escolher entre Estados Unidos e Israel, a quem ele seria leal?³⁷

Pipik é o judeu que não consegue viver na ambiguidade e, portanto, tenta desfazê-la. A questão que se coloca para Roth então é: ele é seu igual ou seu oposto, de fato? Ele pode articular uma identidade dupla? E afinal, ele deve realmente alguma lealdade a Israel?

³⁴ ROTH, 2000, p. 315.

³⁵ ROTH, 2000, p. 339.

³⁶ BLACK, 2015.

³⁷ ROTH, 2000, p. 193.



A escolha de Roth se desvenda no último capítulo, chamado “As Palavras Geralmente Apenas Estragam as Coisas”. O capítulo abre com a justificativa de Roth para ter retirado o relato de sua missão com o Mossad. O livro chamado *Operação Shylock*, portanto, não retrata a Operação Shylock, ela existe apenas na imaginação do leitor e, supostamente, em sua realidade extratextual.

Em seguida, Roth relata uma conversa que teve com Smilesburger em uma deli de Nova York, alguns anos após os acontecimentos narrados. O encontro foi marcado por Smilesburger justamente para que ele pudesse pedir a Roth que não publicasse o relato da missão, ele lhe oferece dinheiro, mas admite que duvida que esse seja um bom motivo. O motivo para fazê-lo, Smilesburger afirma, é a lealdade judaica do escritor.³⁸

No entanto, o romance termina com a mesma nota dupla que o percorreu. Uma vez que o autor retirou o relato, o leitor é levado a pensar que ele optou finalmente por sua lealdade a Israel. Contudo, Roth termina afirmando, sua lealdade judaica é de um tipo diaspórico simbolizado pelo próprio lugar em que se encontram: a deli judaica nova-iorquina. Ele lembra de um lugar exatamente igual que frequentava em Newark quando criança e sobre elas, ele diz: “[...] cheiros com uma linhagem que, como as lojas em si, provavelmente seguiriam diretamente, através do shtetl, até o gueto medieval”.³⁹

A rememoração olfativa que Roth faz dessas lojas é um dos mais belos momentos de sua prosa e resume sua experiência como judeu americano: distintos, mas ainda assim capazes de se integrar a cultura geral do país, em um movimento que não é apenas de assimilação, uma vez que essas lojas se tornaram clássicas na cultura popular americana não judaica. Ser judeu para Philip Roth não é uma questão de escolhas que se eliminam, mas de superposições que se articulam: tradição europeia e releitura americana, Israel e diáspora.

Considerações finais

Quando o livro termina, uma “nota ao leitor” diz: “esse livro é uma obra de ficção”. Roth afirma que as entrevistas com Appelfeld e o relato do julgamento de Demjanjuk foram retirados da realidade, mas exceto isso:

³⁸ ROTH, 2000, p. 378.

³⁹ ROTH, 2000, p. 379.



Os nomes, personagens, lugares e incidentes ou são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas, vivas ou mortas, verdadeiros é inteiramente coincidência. Essa confissão é falsa.⁴⁰

Porém, ao colocar essa nota apenas na última página, Roth garante que a dúvida e a ambiguidade tenham orientado a leitura do texto. Essa dúvida foi exacerbada pela publicação no New York Times de um texto seu intitulado “Um pouco de mal-criação judaica” em que ele afirmava ter encontrado um duplo seu propagando o Diasporismo em Jerusalém.

De forma tanto séria quanto irônica, Roth afirma que esse encontro, e a ameaça que ele apresentava a sua imagem e mesmo a sua existência, o fizeram compreender seus detratores, aqueles que sempre o viram como uma ameaça aos judeus. Ver algo de si apresentado de forma “malcriada” pode ser dolorido, Roth admite.⁴¹

O texto publicado em um jornal importante e a confissão aparentemente sincera de que vinha reconsiderando seus críticos, publicada seis meses antes do lançamento do romance, fortaleceu o sentimento dos leitores de que aquilo poderia ser verdade. Mais que isso, fez com que o romance *Operação Shylock* não estivesse mais contido apenas no livro impresso, ele passou a transbordar para uma realidade externa a si mesmo.

Lejeune considera que um relato ficcional em que o nome do autor, do narrador e do protagonista coincidem é uma mentira,⁴² classificação que parece adequada a *Operação Shylock*, uma vez que a enganação e a “mal-criação” estão previstas na experiência da leitura.

Para falar das possibilidades múltiplas da existência judaica contemporânea, tão profundamente arraigada na história, mas ao mesmo tempo fruto da performance dos indivíduos judeus, Roth cria um romance que ultrapassa o livro. Ele nubla gêneros e inscreve sua narrativa na realidade extratextual para afirmar sua relevância e a verdade das questões levantadas. Frequentemente

⁴⁰ ROTH, 2000, p. 399.

⁴¹ ROTH, Philip. *A Bit of Jewish Mischief*. New York Times, Nova York, 7 mar. 1993. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/books/98/10/11/specials/roth-mischief.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁴² LEJEUNE, 2008, p. 29.



acusado de solipsismo, o escritor incorpora essas e outras críticas e as subverte em grande estilo: *Operação Shylock* é um livro sobre ser judeu e escrever sobre judeus, um jogo de ida e volta entre a realidade e a literatura judaicas.

Referências

BLACK, Edwin. Why Jonathan Pollard spent 30 years in prison. *Times of Israel*, Jerusalém, 2 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.timesofisrael.com/why-jonathan-pollard-spent-30-years-in-prison/>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

FEIN, Esther B. *Book Notes*. New York Times, Nova York, 17 fev. 1993. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1993/02/17/books/book-notes-068893.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

FEIN,_____. Philip Roth Sees Double. And Maybe Triple, Too. *New York Times*, Nova York, 3 set. 1993. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1993/03/09/books/philip-roth-sees-double-and-maybe-triple-too.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

FIEDLER, Leslie A. *What Can We Do About Fagin? The Jew-Villain in Western Tradition*. Commentary, Nova York, 1 maio 1949. Disponível em: <<https://www.commentarymagazine.com/articles/what-can-we-do-about-faginthethe-jew-villain-in-western-tradition/>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

FURMAN, Andrew. *Israel through the Jewish-American imagination: a survey of Jewish-American literature on Israel, 1928-1995*. Albany: State University of New York Press, 1997.

KAKUTANI, Michiko. *Books of The Times; Of a Roth Within a Roth Within a Roth*. New York Times, Nova York, 4 mar. 1993. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1993/03/04/books/books-of-the-times-of-a-roth-within-a-roth-within-a-roth.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NAZI war criminal John Demjanjuk dies aged 91. *The Telegraph*, Londres, 17 mar. 2012. Disponível em:



<<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/germany/9150184/Nazi-war-criminal-John-Demjanjuk-dies-aged-91.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

PARRISH, Timothy L. Imagining Jews in Philip Roth's "Operation Shylock". *Contemporary Literature*, v. 40, n. 4, p. 575–602, Milwaukee: University of Wisconsin Press, 1999.

PARRISH, Timothy. Roth and Ethnic Identity. In: _____. (Org.). *The Cambridge Companion to Philip Roth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PIERPONT, Claudia Roth. *Roth libertado: o escritor e seus livros*. Trad. Carlos Alfonso Malferrari, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ROTH, Philip. *Conversa em Jerusalém com Aharon Appelfeld*. In: _____. *Entre nós: um escritor e seus amigos falam de trabalho*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 27-48.

ROTH, Philip. *Operation Shylock: a confession*. Londres: Vintage, 2000.

ROTH, Philip. *Reading Myself and Others*. Toronto: Doubleday, 2013.

ROTH, Philip. *The Facts: a Novelist's Autobiography*. Toronto: Collins Publishers, 2013.

ROTH, Philip. *O avesso da vida*. Trad. Beth Vieira, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROTH, Philip. A Bit of Jewish Mischief. *New York Times*, Nova York, 7 mar. 1993. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/books/98/10/11/specials/roth-mischief.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

ROTH, Philip. *Zuckerman acorrentado: 3 romances e 1 epílogo*. Trad. Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SHOSTAK, Debra. The Diaspora Jew and the "Instinct for Impersonation": Philip Roth's "Operation Shylock". *Contemporary Literature*, v. 38, n. 4, p. 726-754, Milwaukee: University of Wisconsin Press, 1997.



Arquivo Maaravi

Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG
ISSN: 1982-3053

WIRTH-NESHER, Hana. Roth's Autobiographical Writings. In: PARRISH, Timothy (Org.). *The Cambridge Companion to Philip Roth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

WIRTH-NESHER, Hana. *Call it English: The Languages of Jewish American Literature*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

WISSE, Ruth R. *The Modern Jewish Canon: a Journey Through Language and Culture*. New York: Free Press, 2000.

Recebido em: 22/03/2017.

Aprovado em: 22/04/2017.